

## MAPEAMENTO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA GUIANA FRANCESA

### MAPPING OF LITERATURE WRITTEN BY WOMEN IN FRENCH GUIANA

Natali Fabiana da Costa e Silva (UNIFAP)<sup>1</sup>

Ligia Fonseca Ferreira (UNIFESP)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo realizar um mapeamento da literatura escrita por mulheres na Guiana francesa situando-a no interior de uma produção literária mais ampla. Para isso, buscaremos problematizar a visibilidade das autoras guianenses no contexto da escrita de expressão francesa e crioula em seu território levando em consideração o modo como a autoria feminina aparece nos compêndios literários guianenses. Pretende-se, igualmente, analisar o surgimento de um espaço consolidado de escrita literária feminina e guianense a partir do final do século XX com base nas discussões de Antonio Candido (2017) sobre a literatura como sistema.

**Palavras-chave:** Literatura de autoria feminina; Guiana Francesa; Feminismo decolonial; Mapeamento; Sistema literário

**Abstract:** The aim of this article is to map literature written by women in French Guiana, situating it within a broader literary production. To do this, we will try to problematise the visibility of Guyanese authors in the context of French and Creole-language writing in their territory, taking into account the way in which female authorship appears in Guyanese literary compendiums. We also intend to analyse the emergence of a consolidated space for female and Guyanese literary writing from the end of the 20th century onwards, based on Antonio Candido's (2017) discussions on literature as a system.

**Keywords:** Women's literature; French Guiana; Decolonial feminism; Mapping; Literary system

#### Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar a literatura escrita por mulheres na Guiana francesa situando-a no interior de uma produção literária mais ampla e problematizar a visibilidade de autoras guianenses no contexto da escrita de expressão francesa e crioula em seu território. Devido ao vasto cabedal de obras e autoras ainda pouco conhecidas pelos leitores e pesquisadores brasileiros, adotamos uma perspectiva diacrônica de levantamento e análise de dados, pois ela favorece uma visão mais abrangente do sistema literário guianense.

Além disso, pretendemos localizar brevemente a Guiana em seus aspectos geográficos, históricos, sociais e culturais por entendermos a literatura como um produto permeável a essas contingências, assim como reconhecemos sua capacidade em intervir nessas mesmas instâncias. A escolha pela indissociabilidade entre texto e contexto buscará pensar uma escrita situada, ou seja,

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara). E-mail: [natali\\_costa@hotmail.com](mailto:natali_costa@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0999-5898>.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutora em Estudos Portugueses e Brasileiros pela *Université Sorbonne Nouvelle* - Paris 3. E-mail: [ligia.ferreira@unifesp.br](mailto:ligia.ferreira@unifesp.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5305-6521>

caracterizada por elementos específicos produzidos a partir de vivências e práticas sociais peçadas de subjetividades, conflitos e desejos circunscritas a esse espaço singular.

## 1 Guiana francesa: contextualização

A Guiana é um Departamento Ultramarino francês<sup>3</sup> localizado no extremo norte da América do Sul, em uma região denominada Platô das Guianas, que compreende a Guiana francesa, a República da Guiana, o Suriname e parte do Brasil e da Venezuela. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (*INSEE flash*, nº 133, janeiro de 2021)<sup>4</sup>, a Guiana possui uma população de 288.090 habitantes e uma área de 84 mil km<sup>2</sup> da qual, segundo apontamentos de Lima-Pereira (2023), 90% é coberta por floresta tropical, concentrando seus habitantes na área costeira e no norte do Departamento.

A opulência da floresta Amazônica sobre o território guianense atuou como um fator desencorajador à sua povoação até a década de 1970, quando a imigração para a Guiana passa a atrair haitianos, surinameses e brasileiros devido a conflitos políticos na região. Lima-Pereira (2023, p.15) destaca como estopim de um processo migratório mais intenso três situações: as crises econômicas e políticas do Haiti oriundas da morte do ditador François Duvalier (1907-1971), conhecido como “Papa doc”, e a sucessão do posto por seu filho “Baby doc”, o ditador Jean-Claude Duvalier (1951-2014); a independência do Suriname em 1975, seguida de um golpe de Estado em 1980 e uma guerra civil em 1986; a ditadura militar no Brasil.

No tempo presente, o fluxo migratório se intensificou, de modo que a Guiana abriga cento e trinta e nove nacionalidades diferentes (LE PELLETIER, 2014). A condição econômica do Departamento em relação ao seu entorno geográfico pode ser considerada como um dos fatores atrativos para o fluxo migratório. Anteriormente a esses eventos, o tráfico de pessoas escravizadas para trabalhos forçados foi o fator preponderante para o aumento da população na Guiana, de modo que, no momento da primeira abolição da escravidão<sup>5</sup>, havia na colônia duas mil pessoas brancas, quinhentos e quarenta “*personnes de couleur*” e doze mil pessoas escravizadas (HENRY, 1989, p. 122).

De acordo com Le Pelletier (2014, p. 23), desde o tratado de Utrecht (1713), que estabelece definitivamente a Guiana como território da França, a primeira tentativa de povoamento massivo da colônia ocorreu em 1763 e ficou conhecida como *Expedição Kourou*. Dos quinze mil franceses enviados à Kourou, no interior da Guiana, somente dois mil sobreviveram às epidemias, à fome ou à má nutrição. Ainda segundo a autora, esse contingente de pessoas não possuía nenhum tipo de preparação ou recurso para lidar com as vicissitudes da floresta Amazônica. Além disso, a recente saída da França da Guerra dos Sete Anos agravou a condição desses imigrantes franceses que não puderam contar com o apoio mais estruturado da metrópole.

Le Pelletier aponta o fracasso da expedição como um dos fatores primários que fizeram a Guiana receber a alcunha de “país cemitério” ou “inferno verde”<sup>6</sup> – reputação que ainda hoje pesa sobre o Departamento. Em 1852, a instalação de um complexo prisional suscitou protestos dos cidadãos locais que, entre outras preocupações, temiam que os presídios favorecessem a consolidação de uma narrativa nacional negativa e preconceituosa sobre a Guiana.

<sup>3</sup> O processo de Departamentalização da Guiana, ou seja, o momento em que deixa de ser colônia para se tornar um Departamento francês, ocorreu em 1946.

<sup>4</sup> Para mais informações, ver: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/6681450>

<sup>5</sup> Nas colônias antilhanas e na Guiana, a primeira abolição da escravidura ocorreu em 1794, sendo retomada poucos anos depois, em 1802. A segunda e definitiva abolição ocorreu somente em 1848.

<sup>6</sup> No original, as expressões utilizadas para caracterizarem a Guiana são “*enfert vert*” e “*pays cimetièrè*”

Os temores populares não se mostraram equivocados. Na obra *La Guyane violée et calomniée* (2014), Chatterlier aponta a Guiana como o destino para onde a metrópole enviava todos aqueles que considerava perigosos. A necessidade de “limpeza” da França, que se livrava de sujeitos tidos por avessos aos interesses da ex-metrópole às custas do Departamento, conferiu a ele a ainda existente alcunha de “terra de presídios”<sup>8</sup>, muito embora as prisões tenham sido oficialmente desativadas em 1946. Ao longo de quase um século de atividade nas prisões, mais de setenta mil prisioneiros morreram nas colônias penais guianenses (LIMA-PEREIRA, 2023).

O baixo desenvolvimento econômico em relação a outras regiões francesas, a vizinhança com países de grandes vulnerabilidades financeiras ou políticas e os garimpos ilegais<sup>9</sup> corroboram para a manutenção das já mencionadas alcunhas negativas para a região. Assim, ela tornou-se menos conhecida em relação aos demais Departamentos Ultramarinos situados na América, como é o caso de Guadalupe e Martinica.

A falta de conhecimento sobre a Guiana revela olhares pejados de colonialidade, uma vez que se mostram mais atentos aos reveses, crises e adversidades do que àquilo que o território produz no plano cultural, artístico, literário e científico. A diversidade de identidades e línguas faladas é um exemplo da riqueza do local: são doze as línguas regionais, sendo elas um crioulo de base lexical francesa; quatro crioulos Busi Nengè de base lexical inglesa, a saber, Saramaka, Paramaka, N'Djuka e Aluku; seis línguas indígenas, como o Kali'na, Wayana, Lokono, Teko, Wayampi e Palikur; e uma língua reconhecida como regional que, entretanto, é oriunda do sudeste asiático, a Hmong.

Essa profusão linguística pode ser considerada como um indicador dos diversos modos de existência na Guiana e também de sua capacidade de geração de bens materiais e imateriais. A produção literária é outro marcador. Embora pouco reputada na França ou na América do Sul, a literatura guianense traz em seu bojo atravessamentos identitários e tensões, inscrevendo-se nas dinâmicas de poder nacionais e transnacionais marcadas pelas clivagens econômicas, sociais, políticas, de gênero e raça. Por essa razão, faremos um breve panorama dessa literatura antes de nos dedicarmos às reflexões sobre a autoria feminina guianense.

## 2 Os primórdios da literatura na Guiana

No que concerne à literatura, desde *Aiïpa* (1885), considerada a primeira obra guianense<sup>10</sup>, é notório o esforço de autores guianenses para modificar os discursos pejorativos que a ilustram. Muitas vezes, essa urgência em se afastar da pecha negativa transforma-se em textos que se assemelham a declarações de amor pela Guiana enfatizando sua flora e fauna, numa espécie de exaltação identitária dolorida e indignada com os preconceitos de que são alvo.

Apesar da pequena circulação literária dos autores e autoras guianenses na França hexagonal<sup>11</sup> e nos demais Departamentos Ultramarinos, há dois nomes que se destacam no cenário literário francês, de modo geral. O primeiro deles é o de René Maran (1887 – 1960), o primeiro escritor negro a receber, em 1921, o *Prix Goncourt* por sua obra *Batonala* (1921). Maran nasce a bordo de um navio que havia partido da Guiana com destino à Martinica, onde foi registrado, e ali viveu até os três anos de idade. Por essa razão, alguns estudiosos atribuem ao autor a identidade martinicana, contrariando os compêndios de literatura guianense e ferindo o orgulho literário local.

<sup>7</sup> O nome da obra de Chatterlier pode ser traduzido por *A Guiana violada e caluniada*. O título evidencia a posição do autor, que considera que a Guiana e seu povo foram usurpados pela França metropolitana.

<sup>8</sup> No original, a expressão para caracterizar a Guiana é “*terre de bagnes*”.

<sup>9</sup> Segundo Lima-Pereira (2023), a primeira jazida de ouro foi descoberta em 1854 no rio Arataye, afluente do rio Approuague.

<sup>10</sup> A obra foi escrita inteiramente em crioulo guianense.

<sup>11</sup> França hexagonal ou *Hexagone* são expressões que designam a parte continental da França (excetuando-se pela Córsega) que se situa na Europa, pois a sua forma se assemelha a um hexágono quase regular (três lados terrestres e três lados marítimos). Tomada como metonímia, é frequentemente utilizada para designar o próprio país.

Além de escritor, Maran era funcionário da administração colonial francesa. Muito antes da publicação de *Batonala*, sua figura causava incômodo à administração por reivindicar o mesmo direito de tratamento e condições de trabalho das pessoas brancas, além de denunciar todo tipo de humilhação e racismo sofrido pelo povo negro. Porém, é depois da publicação de seu romance premiado que as perseguições contra ele se acirram.

O segundo nome é o de Léon-Gontran Damas (1912–1978), cuja escrita de teor denunciativo contra o baixo desenvolvimento da Guiana e contra a condição imposta às pessoas negras era considerada subversiva pelas autoridades. *Pigments* (1937) e *Retour de Guyane* (1938), duas de suas obras mais famosas, foram proibidas de circular em solo guianense. Segundo Le Pelletier (2014, p.184), sua escrita inaugura uma nova era literária em termos de forma e de estilo e, além disso, ainda de acordo com a pesquisadora, é ele quem abre o caminho para seus outros dois colegas, Léopold Sédar Senghor (1906–2001) e Aimé Césaire (1913–2008) para, juntos, pensarem a proposta da Negritude.

Damas é ainda hoje visto como responsável por fazer florescer a literatura da Guiana e, em sua esteira, surgem outros importantes nomes, como Serge Patient (1935–2021) e Élie Stéphenson (1944–), em cujos textos encontramos ecos do movimento da Negritude. Diante desse quadro em que a escrita também assume uma dimensão denunciatória, nos intriga conhecer qual é o lugar ocupado por vozes de mulheres e entender em que medida seu lugar de fala é, igualmente, um lugar de denúncia.

### 3 Século XX e a literatura guianense de autoria feminina

Segundo os compêndios de literatura da Guiana francesa, o que se considera como marco inicial dessa produção literária é a publicação da obra *Atipa*, em 1885, assinada com o pseudônimo de Alfred de Parépou. Embora classificada como romance, o livro não apresenta intriga, apenas uma série de situações cotidianas que evocam, segundo Manga (2008, p. 158), a identidade cultural e linguística a começar, por exemplo, pelo uso do crioulo guianense de base lexical francesa ao invés da língua francesa.

Somente quarenta e seis anos depois desse primeiro romance, temos o registro de uma publicação de autoria feminina: um conto de Roberte Horth (1908–1932) intitulado “Une histoire sans importance”, que figura na segunda edição de *La Revue du Monde Noir*, em 1931. A narrativa se situa na França metropolitana e apresenta a história de um amor impossível entre uma mulher negra e um homem branco por meio de um narrador heterodiegético que focaliza internamente a protagonista Léa. O sofrimento e a resignação da personagem revelam o constante mal estar das mulheres negras:

Ela nunca será neste país uma mulher como todas as outras mulheres com direito à felicidade de mulher porque nunca poderá apagar para os outros o disparate da sua alma ocidental vestida de pele escandalosa. Ela suspira [...]. (HORTH, 1931, p. 48 – Tradução nossa)<sup>12</sup>

Além desse conto, outras narrativas da autora de que se tem notícia (mas não os registros, pois eles se perderam ao longo do tempo) denunciam o racismo vivenciado por estudantes negros na metrópole. Infelizmente, muito pouco se sabe sobre Horth, a não ser que ela era filha de um influente jornalista guianense, Auguste Horth, que frequentava o meio intelectual negro de Paris onde estudava para concorrer à vaga de professor de filosofia no Ensino Médio. A morte prematura

---

<sup>12</sup> No original: “Elle ne sera jamais dans ce pays une femme comme toutes les autres femmes ayant droit à un bonheur de femme car elle ne pourra jamais effacer pour les autres le non-sens de son âme occidentale vêtue d’une peau scandaleuse. Elle soupire [...]”

de Roberte Horth, ocasionada por complicações do quadro de pneumonia, abre um hiato na literatura escrita por mulheres na Guiana.

Somente sessenta e cinco anos depois de “Une histoire sans importance” e, portanto, cento e onze anos após a publicação de *Atipa*, passa-se a ter o registro regular de poemas, contos e romances publicados por mulheres. Quem reabre a cena literária feminina é Lyne-Marie Stanley (1944–) com *La saison des abattis* (1996), o primeiro romance guianense escrito por uma mulher. Também em 1996, Assunta Renau-Ferrer (1959–) publica *Mon coeur est une mangrove*, uma coletânea de poesia.

Entre a publicação do conto de Horth, em 1931, e o lançamento do romance de Stanley e o livro de poemas de Renau-Ferrer, em 1996, o silêncio de vozes de mulheres na literatura guianense só não foi absoluto porque houve alguma publicação esparsa e sem grande visibilidade, como é o caso de Alice Bonneton-Lagru (1920-2007), autora sobre a qual se tem raras informações ou fortuna crítica. Sabe-se, segundo Carvalho (2022), que viveu na Guiana até os vinte e oito anos de idade e, posteriormente, mudou-se para a França, onde exerceu a função de professora. Conta com duas produções nas quais celebra sua terra natal, *Cric-crac: Il était une fois en Guyane Française* (1977), *Cadavre au Miramar: de Cayenne à St-Jean-de-Monts* (1982), publica igualmente descrições de paisagens francesas, como em *Opapo, il était une fois en Corse* (1978) e *Blenets et Coquelicots, en Aveyron et ailleurs* (1979), além de *Autrefois em Rouergue: récits* (1988), livro de contos situados na França metropolitana.

Além de Bonneton-Lagru, encontramos registro de mais duas escritoras, Eugénie Rézairé (1950–), que publica o primeiro livro de poemas de autoria feminina intitulado *Pirogue pour le temps à venir* (1987) e Régine Horth (1913-2013), considerada como “a grande dama da tradição guianense”<sup>13</sup>. Ela está ligada à família de importantes jornalistas, da qual fazem parte Roberte Horth, sua irmã, e Auguste Horth (1883-1957), seu pai, também conhecido pela autoria da gramática crioula *Le patois guyanais* (1949). Régine conquista a fama por seu trabalho como apresentadora da *Radio ORTF*, *Radio FR3*, *Radio Martinique* e da *Radio Cayenne* ao longo de 25 anos. Régine Horth não publica textos de ficção, mas ganha destaque na cena literária guianense pela composição da famosa canção “Manjé Kayenn”<sup>14</sup>, em parceria com Yvan Rollus, e pelo livro *La Guyane gastronomique et traditionnelle* (1988), em que traz 400 receitas culinárias típicas de sua terra, ao mesmo tempo que as mescla com contos populares e lendas, resgatando e valorizando a memória popular crioula. A figura de *D’Chimbo, le Rongou* (1828-1862), personagem histórico nascido no Gabão, mas que chega à Guiana para trabalhar na empresa agrícola e aurífera Approuague é um exemplo. Ele foi descrito por historiadores e cronistas como um sujeito violento, estuprador e assassino, detentor de poderes sobrenaturais que eram usados para o benefício próprio em detrimento do sofrimento alheio. Ao destacá-lo em seu livro, Régine Horth imprime, pela primeira vez, uma perspectiva nova sobre a história desse lendário homem. Até então, as versões sobre ele haviam sido registradas por Frédéric Bouyer (1822-1882) e Léo Taxil (1854-1907), franceses que, a partir de uma visada eurocêntrica, cristalizaram a imagem de D’Chimbo como a de um pária. O livro de Horth abre a fila de publicações sobre ele a partir das cores locais, na qual se destacam uma peça teatral e dois romances, respectivamente, *La nouvelle légende de D’Chimbo* (1996), de Élie Stéphenson (1944–), *Le Nègre du Gouverneur* (2001), de Serge Patient (1935–2021) e *La complainte de la négresse Ambroisine D’chimbo* (2013), de Françoise James Ousénie Loe-Mie. Essas narrativas humanizam-no e tiram-no do lugar de vilão para o de insurgente.

<sup>13</sup> “A voz profunda da alma guianense” era também outro epíteto de Régine Horth. É possível encontrar mais informações sobre a autora nos jornais France-Guyane <https://www.franceguyane.fr/regine-horth-voix-profonde-de-lame-guyanaise-sest-eteinte-339537.php> e também em Martinique France-Antilles <https://www.martinique.franceantilles.fr/deces-de-regine-horth-voix-de-lame-guyanaise-894104.php>

<sup>14</sup> A canção está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TXOdE5czFZ8>



O hiato na produção literária feminina guianense<sup>15</sup>, que vai de 1885 até o final do século XX, contrasta com a posterior profícua e regular publicação de obras de autoria feminina. O aumento exponencial de mulheres inseridas no mercado editorial nos instiga a pensar algumas características dessa escrita, a despeito das idiosincrasias das autoras, bem como o modo como ela aparece nos compêndios literários da Guiana.

#### 4 Século XXI e um possível sistema literário feminino na Guiana

Propomos-nos analisar o surgimento de um espaço consolidado de escrita literária feminina e guianense a partir das discussões de Antonio Candido (2017). Em “Literatura como sistema”, o autor parte de um ponto de vista diacrônico ao afirmar que são necessárias três circunstâncias para se configurar um sistema literário:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (CANDIDO, 2000, p. 25)

Inicialmente, observamos dois dos aspectos elencados acima: o florescimento de escritoras, com destaque para aquelas com mais de três obras publicadas, e uma temática ou *leitmotiv* que atravessa suas publicações a fim de buscar uma linguagem comum apesar de seus estilos particulares. Depois da publicação das irmãs Horth, de Stanley e Renau-Ferrer no século XX, é no século XXI que a profusão de obras e autoras se manifesta de modo sistemático. Eis alguns exemplos.

Lyne-Marie Stanley volta à cena com *Mélodie pour l'orchidée* (2001) e *Abel* (2005). Em 2003, Françoise James Ousénie Loe-Mie (1976–) lança *Voile de misère sur les filles de Cham* (2003), *Poésie piment, girofle et cannelle* (2004), *Entre l'arbre et l'écorce* (2009), *La complainte de la négresse Ambroisine D'chimbo* (2013), *Pénurie de graines* (2016), *Bains d'or* (2019), *Adé, la majorine de l'Oyack* (2022), além de contos e participação em antologias. Sylviane Vayaboury (1960–) publica *Rue Lallouette prolongée* (2006), *La crique* (2009) e *Exhibition de l'invisible* (2015). Mylène Danglades (1969–), escritora nascida na Martinica, mas radicada na Guiana, publica *Echos d'un appel intérieur* (2010), *Perles d'eau* (2011), *Mots au fils de l'eau* (2011), *Une porte blanchie à la chaux* (2013), *Des paroles d'or et d'argent* (2016) e *Les Rameaux d'olivier : recueil de pensées* (2019). Christiane Taubira (1952–) escreve *Baroque Sarabande* (2018), *Nuit d'épine* (2019), *Gran Balan* (2020), *Ces morceaux de vie...comme carreaux cassés* (2021) e *Frivolités* (2023), além de livros de teor político e sociológico. Marie-George Thebia publica *Bois d'Ebène et autres nouvelles de Guyane* (2011), *La vie bidim d'Ambrosia Nelson* (2016), *Mon non est Copena* (2019), *Ames Tembé* (2023).

Nosso intuito não é, evidentemente, listar toda a produção de autoria feminina na Guiana, mas apresentar algumas escritoras expoentes na cena literária e seus respectivos livros de modo a evidenciar a tomada desse espaço pelas mulheres nas últimas décadas. Faz-se necessário, igualmente, organizar informações relativas ao conjunto de suas publicações, pois seja na internet ou nas bibliotecas e livrarias físicas ou virtuais, os dados e referências encontram-se dispersos ou incompletos.

Em comum, a escrita dessas mulheres busca entender o modo como o corpo negro – sobretudo o feminino – se situa diante do discurso de uma França que, ao se proclamar republicana,

<sup>15</sup> O levantamento de outras possíveis publicações realizadas entre 1931 e 1996 está sendo realizado através de projeto de pesquisa com duração até abril de 2027. Entendemos que a ausência de informações sobre obras escritas por mulheres não significa, necessariamente, inexistência de publicação. Nesse sentido, a pesquisa investiga se há um possível apagamento da autoria feminina no contexto da Guiana ao longo do período supracitado.

apaga as clivagens culturais, raciais, geográficas e histórica dos Departamentos a fim de promover uma postura assimilacionista branca e eurocentrada. A escrita marcada pelos feminismos interseccional e decolonial mobiliza frequentemente contextos históricos como pano de fundo de narrativas e desvelam a exaustão física das protagonistas diante das diferenças de gênero e raça.

Para ilustrar essa reflexão, analisaremos três romances de autoras distintas: *Entre l'arbre et l'écorce* (2009), de Françoise James Ousénie Loe-Mie, *La saison des abattis* (2011), de Lyne-Marie Stanley e *La vie Bidim d'Ambrosia Nelson* (2016), de Marie-George Thebia. As obras trazem protagonistas situadas em distintos tempos históricos, diferentes idades e subjetividades que, todavia, partilham de um mesmo olhar para a França metropolitana.

*Entre l'arbre et l'écorce* (2009), de Françoise James Ousénie Loe-Mie, tem como personagem principal Marie Madeleine La Croix, marcada na infância por privações materiais. No presente da narração, já adulta, ela rememora as consequências do acidente de seu pai, ocorrido no período de sua infância, quando ele teve o braço amputado. Era o momento da II Guerra Mundial, ocasião em que lutou pela França em solo Africano contra as tropas italianas e alemãs. Sem o respaldo do Estado francês após o ocorrido, a invalidez paterna fragiliza a família, que passa a vivenciar uma difícil situação financeira.

Aproveitando-se dessa vulnerabilidade, o merceiro do bairro fornece alimentos para a família de Marie Madeleine em troca dos serviços sexuais da menina. O trauma vivido por ela transforma-se em raiva, que a protagonista destila a todo o *Hexagone* e aos conterrâneos apoiadores da República. O romance trata também dos relacionamentos sexuais e afetivos da personagem em sua vida adulta, da superação das dificuldades materiais da infância e das contradições que marcam sua subjetividade, como o sentimento de pertencimento e rejeição à França. A focalização na protagonista nos permite observar o modo como ela interpreta a perspectiva dos franceses do *Hexagone* em relação aos habitantes do distante Departamento:

Esta República o mandou para a África desprezando esse “pretinho selvagem, filho de condenados” (que ele não era de forma alguma) [...]. Nos braços dessa mãe por quem meu pai se sacrificou, nessa terra que ele considerava sua, para ele, o bom francês, foi-lhe dito claramente que ele era apenas um negro e que nem mesmo seu sangue e sua alma valiam os de um francês da França! (LOE-MIE, 2009, p. 22 – Tradução nossa)<sup>16</sup>

O enredo de *La saison des abattis* (2011), de Lyne-Marie Stanley, ocorre sob o pano de fundo do *Affaire Galmot*<sup>17</sup>, revolta política ocorrida em 1931 cujo desenlace, para os guianenses, revelava a postura francamente colonialista por parte do Governo francês. Em meio às tensões políticas, a vida de Paulina, uma mulher negra, mãe e avó de outras duas mulheres negras, é marcada pela experiência do racismo. No presente da enunciação, o narrador destaca o desejo da personagem de que sua neta se case e tenha filhos com qualquer francês metropolitano para não estender, por mais uma geração, o ódio racial contra a família. Quando a neta Palmyre engravida de Joseph, um jovem negro por quem está apaixonada, Paulina mal esconde a decepção de receber seu bisneto no seio familiar. No excerto a seguir, o narrador revela as lembranças de quando, ainda criança, a personagem se vê pela primeira vez diante da violência do racismo:

<sup>16</sup> No original: *Cette République l'a expédié en Afrique tout en méprisant ce “petit Nègre sauvage, fils de bagnards” (qu'il n'était d'ailleurs point du tout) [...]. Dans les bras de cette mère pour laquelle mon père se sacrifia, sur cette terre qu'il pensait sienne, lui le bon Français, on lui a clairement dit qu'il n'était qu'un Nègre et que même son sang et son âme ne valaient pas ceux d'un Français de France!*

<sup>17</sup> O *affaire Galmot* foi o julgamento ocorrido em Nantes, em 1931, de 14 guianenses acusados de saques e assassinatos durante os tumultos ocorridos em 06 e 07 de agosto de 1928. Os protestos de 1928 tiveram como objetivo manifestar revolta pela morte do candidato a deputado Jean Galmot, suspeito de ser de vítima de envenenamento. Também conhecido por Papa Galmot pela população da Guiana Francesa, Jean Galmot era famoso por sua atitude anticolonialista e humanista. Alega-se que o julgamento de 1931 não foi isento de um viés político e colonialista.

Paulina não tinha entendido muito bem naquele dia o que aquilo significava, mas notou que as pessoas que ela via nos dias de feira tão bem vestidas não eram negras. Insidiosamente, a ideia de que ela não era como as outras meninas havia germinado nela. Ela passou a sentir raiva de seus pais que a fizeram tão negra. (STANLEY, 2011, p. 73 – Tradução nossa)<sup>18</sup>

Por fim, no romance *La vie Bidim d'Ambrosia Nelson* (2016), de Marie-George Thebia, a protagonista que dá nome à obra, nascida no interior da Guiana Francesa, parte para Paris em busca de melhores condições de trabalho e estudos. Em solo metropolitano e em meio aos conflitos pela independência da Argélia, aos poucos, dá-se conta das assimetrias entre os franceses metropolitanos e os franceses oriundos dos departamentos ultramarinos. Sua condição de cidadã de “segunda classe” fica evidente quando, para ela, as vagas de empregos disponíveis, a despeito de escolaridade e qualificação profissional, são os serviços de limpeza mal remunerados. Ambrosia passa a trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família branca, onde é explorada:

O enorme apartamento tinha que estar impecável, Madame lhe dissera. Uma vez que as sobras do café da manhã haviam sido limpas, ela se ocupava lavando a louça, encerando o chão, limpando o piano, os móveis antigos e o majestoso lustre de cristal. Por volta das 10h, ajudava a cozinheira descascando legumes, embrulhando assados, fazendo doces, sobremesas preferidas das crianças, merengues, ovos nevados. Ao meio-dia, todos estavam à mesa [...]. Após a refeição, todos cuidavam de seus afazeres. [...] Para Ambrosia, isso significava o momento da sua pausa. Ela subia para seu quarto com algumas sobras cuidadosamente colocadas de lado por Suzon [a cozinheira]. Comia sem muito apetite e deitava-se enquanto esperava para voltar ao trabalho. Ela perguntava-se quanto tempo essa situação ainda iria durar. (THEBIA, 2016, p. 67-68 – Tradução nossa)<sup>19</sup>

Nas três obras, a mobilização de diversos contextos históricos aponta para uma preocupação comum aos romances da Guiana Francesa, a de narrar a História a partir das cores locais. Contudo, soma-se a isso uma nova inquietação trazida pela autoria feminina, que é o modo como as subjetividades das personagens leem, por meio de um viés crítico, a perspectiva etnocêntrica sobre os seus corpos e, diante disso, buscam modos de reconstruir narrativas e denunciar a violência sistêmica.

O corpo feminino negro como alvo e repositório dos fetiches de corpos brancos aponta para aquilo que Grada Kilomba (2019, p. 37) descreve como a construção da *Outridade*, processo externo ao sujeito-alvo, mas que faz coincidir nele a fantasia criada pela branquitude. Nesse sentido, esse corpo negro torna-se, para o olhar (equivocado) do branco, aquilo que se coloca na ordem do perigo, do violento, do sujo – mas também do desejável e excitante.

No romance de Loe-Mie (2009), Marie Madeleine tem uma parceira e alguns parceiros sexuais masculinos e é através dessas relações que ela inverte a objetificação do corpo da mulher negra. Na narrativa em terceira pessoa, a protagonista toma a voz – e também as rédeas da situação

<sup>18</sup> No original: *Paulina n'avait pas bien compris ce jour-là ce que cela voulait dire, mais elle avait noté que les personnes qu'elle voyait les jours de marché si joliment habillés n'étaient pas noirs. Insidieusement, l'idée qu'elle n'était pas comme les autres filetes avait germé en elle. Elle en était arrivée à ressentir de la rage contre ses parentes qui l'avaient faite si noire.*

<sup>19</sup> No original: *L'appartement immense devait être impeccable, lui avait répété Madame. Une fois débarrassés les reliefs du petit déjeuner, elle s'activait chaque matin à faire la vaisselle, cirer les parquets, dépoussiérer le piano, les meubles anciens et le majestueux lustre de cristal. Vers 10h, elle aidait la cuisinière, épluchage de légumes, bardage des rôtis, confection de pâtisseries, desserts préférés des enfants, meringues, îles flottantes. À midi, tout le monde se retrouvait à table. [...] Après le repas, chacun vaquait à ses occupations. [...] Pour Ambrosia, cela signifiait le moment de la pose. Elle montait dans sa chambre avec quelques reste soigneusement mis de côté par Suzon. Elle mangeait sans gros appétit puis s'allongeait en attendant de reprendre du service. Elle se demandait combien de temps durerait cette situation.*



– quando, via discurso direto, determina aos seus companheiros em que bases deseja estabelecer os relacionamentos. Os atos sexuais são frequentemente seguidos de grandes diálogos nos quais ela destila sua visão sobre o *Hexagone*.

Em *La saison des abattis* (2011), quando o tão desejado casamento com um metropolitano não acontece, Paulina, a avó, assume o segundo plano da narrativa e cede lugar a Palmyre, sua neta, cuja focalização interna nos permite acompanhar o desenvolvimento do primeiro amor da menina, o jovem Joseph. Na obra, a remissão da violência racial não se dá pelo embranquecimento da família, mas pela união de dois jovens negros que celebram o nascimento de seu filho.

No livro de Thebia (2016), o cansaço de Ambrosia diante da exploração de sua mão de obra na França se dá concomitantemente à percepção das diferenças entre os cidadãos franceses provenientes das regiões ultramarinas em relação aos cidadãos da França metropolitana. As ações da protagonista ao longo do romance buscam contornar as assimetrias ao mesmo tempo que denunciá-las. Por fim, a personagem passa a viver definitivamente em Paris e logra exercer a profissão em que se formou, além de ser reconhecida pelos seus pares. Seu movimento vai do esgotamento ao florescimento de uma consciência crítica sobre os diversos trânsitos – geográficos, identitários e culturais na França.

No meio literário em que, somente a partir do século XXI, escritoras reúnem condições materiais de contestar um território predominantemente masculino, é desafiador pensar um “conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público” (CANDIDO, 2000, p. 23) – última condição para a criação de um sistema literário, de acordo com Candido. Isso porque não só estamos pensando as últimas duas décadas de produção literária – o que é muito recente –, mas, também, porque há uma escassa fortuna crítica publicada em revistas científicas, teses e dissertações, seja em território francês ou alhures.

O que pode situar a produção literária de autoria feminina dentro desse último parâmetro proposto por Candido é a quantidade de obras publicadas desde a consolidação da Ibis Rouge Éditions, criada em 1995. Ao longo de sua existência<sup>20</sup>, a editora lançou mais de quatrocentos e quarenta obras impressas e digitais e cerca de duzentos e sessenta autoras e autores da Guiana, Martinica e Guadalupe foram publicados. A Ibis Rouge concentrou em seu catálogo o maior número de obras literárias dos Departamentos Ultramarinos na América. Desse montante de publicações, o levantamento dos dados sobre a produção de autoria feminina ainda não se encerrou. Vale lembrar que escritoras de renome na Guiana, como Loe-Mie ou Stanley, foram lançadas pela Ibis Rouge. Mais recentemente, outras Editoras também têm manifestado interesse na publicação de autoras guianenses, como as editoras parisienses L’Harmattan, Points e Pluriel e também a Orphie, localizada na Ilha da Reunião.

## Considerações finais

O livro mais recente sobre a literatura da Guiana, intitulado *Littérature et société: la Guyane* (2014), escrito por Catherine le Pelletier, apresenta ao longo de trezentas e quarenta e oito páginas as seguintes escritoras guianenses: Alice Bonneton, Roberte Horth, Paule Constant, Françoise James Ousénie Loe-Mie, Régine Horth e Eunice Richards Pillot. Para essas sete escritoras são dedicados alguns parágrafos do volume sobre a literatura da Guiana. Vale ressaltar que ali nem sempre se encontram informações fidedignas, pois contêm datas incorretas de publicação determinadas obras ou, até mesmo, equívoco nos títulos, como é o caso do conto de Roberte Horth que, em Pelletier, aparece como “*Une Femme sans importance*” ao invés de “*Une histoire sans importance*”. Em outros momentos, as informações fornecidas estão incompletas, como data e local de

---

<sup>20</sup> A editora Ibis Rouge fechou suas portas depois de ser comprada por Gérard Doyen, fundador da Editora Orphie, situada na Ilha da Reunião, em 2019. Para mais informações, acessar: <https://actualitte.com/article/10017/edition/guyane-les-editions-ibis-rouge-ont-trouve-un-repreneur>

nascimento, ou então assinaladas para determinados autoras, em detrimento de outras, sem que se saiba o critério dessa escolha.

Os demais compêndios de literatura guianense, como o célebre e, por muitos anos, único *Introduction à la littérature guyanaise* (1996), de Biringanine Ndagano e Monique Blerald Ndagano, ou ainda o ensaio *De la Guyane à la diaspora africaine: écrits du silence* (2002), de Florence Martin et Isabelle Favre, não apresentam muita informação sobre a autoria feminina. O desaparecimento das mulheres nos compêndios de história da literatura guianense se coloca como uma contradição no interior de um sistema literário que resiste e insiste em se fortalecer a despeito de sua invisibilização na França hexagonal das difíceis condições de existência das casas editoriais.

O paradoxo de invisibilizar dentro da própria invisibilidade não é incomum aos sistemas literários da periferia do capitalismo, haja vista a constituição do cânone literário brasileiro, que insiste em apagar vozes dissonantes do pensamento *mainstream*. Voltando ao caso da Guiana que, a partir de 1713, passa a “pertencer” definitivamente à França, alguns fatos evidenciam o histórico de opressão sistêmica que recai sobre a população que ali se constituiu: (i) as guerras de contestados, (ii) o genocídio dos povos originários, (iii) o aparelhamento do Estado por meio do Código Negro, que fortaleceu o sistema escravista; (iv) a abolição da escravatura seguida de sua retomada; (v) as mortes provocadas pela expedição Kourou e pelas construções das prisões na Guiana; (vi) a tardia Departamentalização da colônia, ocorrida somente em 1946.

Não obstante os recorrentes atos de violência e abuso, os diversos grupos subalternizados, como os crioulos, os indígenas, os Busi Nenge produziram modos e tecnologias de resistência em todos os aspectos sociais, da linguagem à política (inclusive, não é uma mulher guianense, Christiane Taubira, quem ocupou a cadeira de Ministra da Justiça na França?). Na literatura, desde o final do século XX, são as mulheres as protagonistas de uma nova dinâmica literária, somando e/ou superando as vozes do movimento da Negritude. Com exceção do livro escrito por Biringanine Ndagano e Monique Blerald Ndagano, cuja data de lançamento coincide com o início das publicações de literatura escrita por mulheres, surpreende, então, que os compêndios literários ainda ignorem essa produção e o crescente interesse das editoras pela autoria feminina.

No apêndice de *La vie bidim d’Ambrosia Nelson* (2016, p. 294), Thebia nos apresenta o seguinte adágio crioulo, que traduzimos por “mulher, fogo; mulher de fogo; mulher resistência”:

*Femme, Feu,  
Fanm Difé  
Fanm djòk*

A associação da mulher ao fogo é também sua associação à transmutação e à transformação. Ao circular dentro e fora do “mundo difratado, mas recomposto” (GLISSANT, 1969, p. 47) que marca a criouldade, sua linguagem é resistência. Diante das dobras da opressão, sua única saída é incendiar: fogo nos racistas, fogo nos machistas, fogo nos fascistas!

## Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. p.23-26.

CARVALHO, Olaci da Costa. Antigamente em Rouergue: Narrativas de Alice Bonneton-Lagru. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 25, p. 185-199, 2023. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i25p185-199. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/206513>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CHATTELIER. *La Guyane violée et calomniée*: Éd 1884. Paris: Hachette Livre Bnf, 2014.

FERREIRA, Ligia Fonseca. “Negritude”, “negridade”, “negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 163–184, 2006. DOI: 10.11606/va.v0i9.50048. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048>. Acesso em: 15 abr. 2024.

GLISSANT, Édouard. *L’Intention poétique*: poétique II. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

HENRY, Arthur. *La Guyane, son Histoire* : 1604-1946. Cayenne: Guyane Presse Diffusion, 1989.

HORTH, Roberte. Une histoire sans importance. *Revue du Monde Noir*, n.2, p. 48-50, 1931.

JOCHIMSEN, Paola Karyne Azevedo; RODRIGUES, Larissa Maria Ferreira da Silva. Atipa: Romance guianense. A desconhecida Guiana crioula de Alfred Parépou. *Cadernos ee Literatura em Tradução*, n. 25, 2022. p.90-109. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/206507> . Acesso em 14 jan. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE PELLETIER, Catherine. *Littérature et société*: La Guyane. Matoury (Guiana Francesa): Ibis Rouge Editions, 2014. Collection Espace Outre-mer.

LIMA-PEREIRA, Rosuel. Imigração e demografia na Guiana Francesa: uma síntese (2005-2020). In: SILVA, Natali Fabiana da Costa e (org.). *Literatura, decolonialidade e trânsitos*: Guiana Francesa e Suriname. Rio Branco: Nepan Editora, 2023. p.10-24. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/14EqiigN50P35\\_slft1xdbwhpAz46Hbnk/view](https://drive.google.com/file/d/14EqiigN50P35_slft1xdbwhpAz46Hbnk/view). Acesso em: 15 abr. 2024.

LOE-MIE. Françoise James Ousénie. *Entre l’arbre et l’écorce*. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2009.

MANGA, Blaise Bitegue Dit. La Littérature guyanaise de demain, d’où vient-elle? *Nouvelles Études Francophones*, Vol. 23, No. 2, p. 155-176, 2008.

MARTIN, Florence; FAVRE, Isabelle. *De la Guyane à la diaspora africaine*: écrits du silence. Paris: Éditions Karthala, 2002.

NDAGANO, Biringanine; BLÉRALD-NDAGANO, Monique. *Introduction à la littérature guyanaise*. Cayenne: CDDP de la Guyane, 1996.

SENIOR, Olive. *Gardening in the tropics*. Toronto: Insomniac Press, 2005.

STANLEY, Lyne-Marie. *La saison des abattis*. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2011.

THEBIA, Marie-George. *La vie bidim d’Ambrosia Nelson*. Paris: L’Harmattan, 2016.

## Documentos INSEE

*INSEE flash*, nº 133, janeiro de 2021

Censo populacional na Guiana. <https://www.insee.fr/fr/statistiques/6681450>

Submetido em 29/02/2024

Aceito em 10/04/2024